

# Predição, compreensão e situação de compreensão

Vera Wannmacher Pereira\*

## Resumo

O artigo está apoiado em estudos sobre predição, uma estratégia de compreensão que se caracteriza pela antecipação das informações do texto com base nos elementos linguísticos deixados pelo autor e nos conhecimentos prévios do leitor/ouvinte (em que estão presentes os signos de cultura). É também marcada pelos caminhos cognitivos já aprendidos por ele, por seu objetivo específico de compreensão e pelo gênero/tipo textual objeto da compreensão. Isso significa que a predição está vinculada à situação de compreensão. Com essa perspectiva, o artigo traz explicitações teóricas sobre essa estratégia, demonstra-a em diferentes situações de compreensão, por meio de exemplificações possíveis, e, nos comentários finais, desenvolve reflexões sobre a exposição realizada, incluindo a relevância do tema para a aprendizagem.

*Palavras-chave:* Predição. Estratégia. Compreensão. Situação de compreensão.

## Introdução

O tema deste artigo é predição, uma estratégia de compreensão (GOODMAN, 1991; SMITH, 2003) de gêneros/ tipos textuais diversos, orais e escritos (ADAM, 2008), marcada, para sua efetivação, pela natureza do texto, por seus elementos constitutivos, pelo objetivo de compreensão do leitor/ouvinte, por seus conhecimentos prévios, em que estão presentes os signos de cultura (VYGOTSKY, 2007), pelos caminhos cognitivos já aprendidos por ele – enfim pela situação em que o processo se realiza. O título eleito expressa essas relações – da predição com a compreensão e a situação de compreensão.

A definição inicial de predição volta-se para a compreensão de materiais escritos, portanto, para a leitura, abrangendo

\* Doutora em Letras – Linguística Aplicada/PUCRS. Professora da Fale/PUCRS (graduação e pós-graduação). Coordenadora do Celin/Fale/PUCRS. Área de estudos: Psicolinguística. E-mail: vpereira@pucrs.br

Data de submissão: maio 2011. Data de aceite: jun. 2011.

os rastros linguísticos deixados pelo autor e os conhecimentos prévios do leitor. Neste artigo, essa concepção é ampliada para a oralidade e a escrita, no que se refere à compreensão, aos tipos de materiais e aos vínculos entre conhecimentos prévios e cultura.

As ideias aqui expostas estão apoiadas em sucessivos estudos desenvolvidos pela autora, focalizando estratégias de compreensão (PEREIRA, 2009a), mais especificamente a de predição (PEREIRA, 2009b; PEREIRA, 2009c). Tais estudos caracterizam-se pela explicitação dos conceitos-chave, pela apresentação dos resultados obtidos com os dados coletados e pela transposição da teoria para o ensino. Saliente-se ainda que alguns deles trazem em si a produção de *e-books* direcionados a professores que atuam em escolas.

Neste artigo, o tema é, primeiramente, desenvolvido teoricamente e, posteriormente, é demonstrado em situações possíveis de compreensão de gêneros textuais orais e escritos presentes na cultura dos sujeitos. Nos comentários finais, são realizadas análises sobre o exposto, incluindo sua relevância para a aprendizagem.

## Predição: uma estratégia de compreensão

Como o próprio vocábulo indica, predição remete a antecipação, previsão, adivinhação (GOODMAN, 1991; SMITH, 2003). Essas associações trazem

estranhezas em relação ao conceito de compreensão.

Uma delas está no conceito frequente de compreensão como um ato que supõe do sujeito leitor/ouvinte atenção linear cuidadosa ao que ouve ou vê, não devendo nada ser dispensado ou acrescentado. Esse conceito, apoiado na perspectiva de que é essa observação linear que permite a compreensão do material lido ou ouvido, restringe a possibilidade de ações do sujeito que não acompanhem fielmente a rota feita pelo autor.

Outra está em entendimentos em relação a fazer adivinhações sobre o dito ou o escrito, como o de compreensão apressada, propiciando conclusões inadequadas; o de compreensão superficial, com suposições sem base, conduzindo a conclusões frágeis; o de compreensão inconsistente, apoiada em presunções do sujeito, gerando conclusões não propiciadas pelo texto. Esses entendimentos definem o leitor/ouvinte como descomprometido e desinteressado, e o resultado do processo, como dissociado do que o texto apresenta.

Esses vocábulos associados a predição, especialmente o de “adivinhação”, também surpreendem a percepção científica em decorrência de entendimentos culturais. Comumente “adivinhar” aponta para uma dedução intuitiva baseada em pistas de pouco reconhecimento, sendo “adivinhos” aqueles que realizam essas práticas. Acompanha essa perspectiva a ideia de inconfiabilidade. Num outro nicho do universo cultural, “adivinhar” constitui-se como

algo misterioso, explicável para além da imanência, havendo aí um corpo diverso de práticas que se caracterizam pelo desvelamento de coisas ocultas e pela previsão de acontecimentos futuros. Há também em outra reserva cultural espaço para “adivinhar” associado a jogo da sorte, movido pelo acaso e pela aceitação do risco. Cabe ainda registrar o espaço cultural para as brincadeiras chamadas de “adivinhas”, em que há a provocação para um deciframento baseado em pistas aleatórias.

Nesse contexto de concepções culturais, o vocábulo “predição” toma um significado de base científica, que mantém semelhança com os já mencionados, no que se refere ao movimento de dizer o que ainda não foi dito, e estabelece diferença no que se refere ao apoio em dados objetivos e em processo realizado pela cognição. Esse conceito, que vem sendo desenvolvido pela psicolinguística, está vinculado à compreensão e à situação em que ocorre, com o objetivo de desfiamento do que significa compreender e de como isso acontece.

A concepção de compreensão para a qual a predição contribui, assumida neste artigo, apoia-se nos estudos sobre processamento cognitivo e sua realização está vinculada à especificidade de determinada situação de compreensão, o que dimensiona e recorta o uso da predição pelo leitor/ouvinte.

Nesse sentido, essa estratégia está marcada pelo objetivo de compreensão do sujeito, por seus conhecimentos prévios, pelo nicho cultural em que se inserem,

pela natureza (gênero/tipo) do texto (ADAM, 2008) e pelos rastros linguísticos deixados no texto pelo autor. Para esclarecimento dessa afirmação, cabe examinar duas situações apresentadas a seguir, considerando em ambas, como sujeitos de compreensão, alunos de letras que devem apresentar a produção de uma crônica a seu professor na disciplina de Estudos sobre Textos:

- C. diante de entrevista (veiculada pela TV) com o escritor B. sobre como ele procede para escrever suas crônicas;
- F. diante de entrevista (transcrita em jornal de circulação diária) com o escritor B. sobre como ele procede para escrever suas crônicas.

Nessas duas situações, os sujeitos da compreensão têm objetivos comuns, mas apresentam diferentes conhecimentos prévios e se incluem em espaços culturais próprios, embora ambos realizando a mesma disciplina de um mesmo curso. O conteúdo das entrevistas é o mesmo, mas cada uma tem características próprias, podendo ser configuradas como gêneros textuais diferentes. O autor das informações é o mesmo, mas há um processo de transformação do oral para o escrito, realizado pelo entrevistador. Desse modo, os processos cognitivos de compreensão desenvolvidos pelo sujeito C. e pelo sujeito F. têm diferenças importantes. No que se refere à estratégia de predição, o confronto entre o sujeito e o texto é marcado diferentemente: no caso de C., por seus conhecimentos prévios e vivências culturais e pelos

traços orais de uma entrevista; no caso de F., por seus conhecimentos prévios e vivências culturais e pelos traços de uma entrevista oral transcrita. Desse modo, as antecipações, as adivinhações, serão nitidamente diferentes comparando as duas situações.

Para clarificação do que vem a ser predição em suas propriedades, são expostas a seguir algumas informações que devem colaborar para isso.

Percebida em sua amplitude, a predição é uma estratégia de compreensão dos fatos, das experiências que vivemos, enfim, do mundo, que é objeto constante de nossas observações e análises. Sem praticar a predição, a antecipação, a adivinhação, talvez não soubéssemos sequer definir as nossas rotas diárias, não conseguíssemos perceber o presente, apostar em um futuro e nos organizarmos para vivê-lo.

Observada em seu papel no âmbito textual, com apoio especialmente em Goodman (1991) e Smith (2003), a predição constitui-se na estratégia de compreensão mais presente nas categorizações que tratam do assunto.

Analisada em seus procedimentos, consiste num jogo psicolinguístico em que o leitor/ouvinte, com base nos seus conhecimentos prévios sobre o assunto e sobre a língua em questão, nas vivências do seu mundo cultural e nas pistas linguísticas deixadas pelo autor no texto, faz adivinhações, antecipações, previsões, enfim, predições sobre conteúdos do texto ainda não lidos/ouvidos.

Essas pistas linguísticas constituem-se nos traços fônicos (relações fonema/letra, aliteração, rima), morfológicos (estrutura vocabular, combinações mórficas), sintáticos (estrutura frasal, retomada coesiva gramatical), semânticos (significação vocabular, elementos coesivos lexicais), pragmáticos (relações texto e situação de uso) e textuais (moldura, distribuição, elementos de coesão e coerência).

A relevância dessas pistas está fortemente associada às condições do leitor/ouvinte e à natureza do texto. No caso de o sujeito ter intimidade com a linguagem do texto, dispondo de conhecimentos prévios significativos, essas pistas linguísticas poderão ser menos relevantes para a compreensão. Inversamente, se isso não ocorrer, ele provavelmente direcionará sua atenção de forma intensa para esses traços linguísticos. No que se refere à natureza do texto, usualmente as pistas fônicas têm papel especial no poema, enquanto as pragmáticas ganham importância em textos interlocutivos muito marcados por elas, como o debate, a entrevista, o bilhete, a carta. Isso não significa, naturalmente, que algum desses tipos de pista possa ser desconsiderado quando o sujeito se dispõe à compreensão de um texto, seja ele qual for.

Tais pistas são utilizadas pelo leitor/ouvinte, associando-as aos seus próprios conhecimentos prévios, que assim realiza um jogo instigante de apostas – formulação de hipóteses – sobre o que está mais adiante no texto na busca da compreensão.

Como indicam diversos estudos, a predição consiste numa estratégia de compreensão de especial relevância e abrangência, uma vez que pode ser entendida como abrigo de outras de natureza mais específica – automonitoramento, autoavaliação e autocorreção (PEREIRA; PICCINI, 2006). Esse entendimento indica que o percurso cognitivo da predição exige do leitor/ouvinte consciência, que supõe atenção em tempo continuado (DEHAENE, 2007). Nesse sentido, é necessário que o leitor/ouvinte, durante o processo de predição, esteja atento às antecipações que realiza, que mantenha seu foco de atenção nessas adivinhações, avaliando-as, do ponto de vista de sua pertinência às pistas e aos elementos prévios, e que modifique essas antecipações, caso as julgue impróprias.

Assim como a estratégia de predição tem amplitude, possui na base de seu raciocínio a de inferência (PEREIRA, 2009d). Isso significa que, para chegar à compreensão, inferências de diferentes níveis de complexidade, com diferentes graus de esforço cognitivo, são condições indispensáveis – das mais simples, próprias da decodificação, às menos simples, próprias do desvendamento dos implícitos.

Cabe salientar no fechamento desta parte do artigo que a predição, em sua complexidade e relevância já descritas, define-se especificamente na situação de compreensão. Considerando o gênero textual, as adivinhações do sujeito ao ouvir uma história, por exemplo, apoiam-se, provavelmente, de modo predomi-

nante no encadeamento dos fatos e nos marcadores sequenciais. Considerando o objetivo da compreensão, o sujeito, caso esteja interessado no valor de um produto, diante da embalagem desse produto, apoia suas predições no valor indicado comparado ao de outros similares. Considerando os conhecimentos prévios sobre o assunto de um texto científico, por exemplo, o funcionamento do cérebro, o sujeito, se dispuser de poucos conhecimentos, dirigirá, provavelmente, sua atenção para a linguagem, especialmente o vocabulário do texto, e para as imagens representativas, se houver.

O cumprimento da definição aqui exposta conta com a nitidez de raciocínio do leitor/ouvinte, com sua atenção intensa, em suma, com a sua consciência sobre o funcionamento da linguagem, sobre as relações entre a estratégia e a compreensão e sobre os procedimentos preditivos específicos. Na sequência, o processo de predição é demonstrado em situações de compreensão possíveis, que, dadas suas peculiaridades, exemplificam o uso de diferentes caminhos de adivinhação.

## Predição em situações de compreensão

Apresentam-se a seguir cinco situações de compreensão com o objetivo de demonstração de processos de predição possíveis. A diversidade das situações indica que os caminhos preditivos podem ser diferenciados e que são marcados pelas características das conjunturas de compreensão.

Primeiramente, são apresentadas duas situações (1 e 2) de compreensão oral em que o ouvinte, dispondo de informações incompletas sobre ela, necessita fazer predições para tomada de decisão e realização de ações posteriores. A seguir, são propostas duas situações (3 e 4) de compreensão escrita em que o leitor realiza predições gradativas para obter êxito no processo de leitura. Por último, é apresentada uma quinta situação, que conta com a compreensão oral (falar e ouvir simultaneamente) para a realização de ações que incluem elementos semióticos da cultura do falante/ouvinte.

### Situação 1

B. liga o seu rádio, procurando músicas interessantes. Ao passar por uma emissora, ouve uma faixa musical já em seu final, sem indicação do autor e do cantor:

Glory, glory, hallelujah..  
Glory, glory, hallelujah  
Peace on earth to us all!

Ao terminar, essa faixa dá lugar a outra, anunciada pelo locutor como *What a wonderful world*, de Bob Thiele e George David Weiss, cantada por Louis Armstrong:

I see trees of green,  
red roses too  
I see them bloom  
for me and you.  
And I think to myself,  
what a wonderful world.  
I see skies of blue  
and clouds of white.  
The bright blessed day,  
the dark sacred night.  
What a wonderful world...

B. tem conhecimentos de inglês e já ouviu várias vezes as duas canções. No entanto, não sabe qual o tipo de programa radiofônico que está sendo veiculado. Ao ouvir a primeira canção, considerando especialmente o seu léxico (plano semântico) e a modulação dos versos (plano fônico), levanta a hipótese (autominoramento) de ser um programa religioso, pois o conteúdo é de glória e louvor. Além disso, está ocorrendo no domingo pela manhã (plano pragmático).

Quando se inicia a segunda canção, B., observando o léxico (plano semântico), não descarta essa possibilidade (autoavaliação), mas levanta outras – “programa de músicas em inglês de sucesso”, “programa de proteção ao ambiente, considerando as catástrofes no planeta”. Prossegue no seu caminho de compreensão, examinando as informações de que dispõe, fazendo inferências apoiadas nelas. Prediz, então, tratar-se de um programa musical, talvez não importando a língua, em que o tema é a valorização da vida, do amor, da paz no planeta. A predição se confirma, com a faixa musical seguinte – *Imagine* (John Lennon), no que se refere ao tema, mas não à língua (autocorreção), pois ela consiste em instrumento e não em objetivo:

Imagine there's no heaven  
It's easy if you try  
No hell bellow us  
Above us only sky  
Imagine all the people  
Living for today  
Imagine there's no countries...

Como B. tem conhecimentos de inglês e gosta de músicas cantadas nessa língua e o tema em questão é importante em seu mundo cultural, decide continuar ouvindo a mesma emissora por mais algum tempo.

## Situação 2

Na secretária eletrônica de L. há um recado de uma colega do curso de letras. Por algum motivo técnico, a gravação apresenta falhas, conforme pode ser constatado na transcrição a seguir. O ouvinte está diante de um texto oral entrecortado, cabendo-lhe realizar várias predições para compreendê-lo e, assim, realizar ações previstas nesse texto.

Oi, L. Aqui é a S. Tudo bem? Combin... com a R. estudarmos na ... casa amanhã para a prova de P...tica. A R. está reunindo material sobre compr... e eu sobre conhec... ..io. Você poderia juntar mat...al sobre pr...ão. Podemos contar contigo? Podes chegar lá um pouco antes das 19h, pois deverei estar em casa mais cedo. Confirma, ok?

A situação envolve três colegas do curso de letras, que fazem uma mesma disciplina em que há uma prova prevista para os próximos dias: S. (autora da gravação), L. (destinatária da gravação) e R. (colega de estudos). Diante das falhas da gravação, para compreender o texto L. precisa utilizar informações sobre a situação e conhecimentos sobre o funcionamento da linguagem em seus diversos planos. O preenchimento desses vazios depende de predições atentas de L., conforme indicações a seguir.

O vazio de *Combin...* pode ser preenchido numa primeira tentativa com *amos*

(plano mórfico), considerando o sentido lexical – plano semântico (automonitoramento). No entanto, a preposição *com* indica duas pessoas (plano sintático), que só podem ser L. e S. (autoavaliação), já que R. não participa diretamente da gravação. Isso encaminha a predição para *Combinei* (autocorreção).

No segundo vazio, a organização sintática aponta três possibilidades (automonitoramento): minha (S.), tua (L.) e sua (R.). No entanto, o advérbio *lá* elimina a possibilidade do pronome “tua”. O segmento *pois deverei estar em casa mais cedo* indica que a casa em que se reunirão é a de S. (autoavaliação), cabendo o pronome “minha” no espaço (autocorreção).

O terceiro vazio é revelado pelas pistas mórficas e lexicais apresentadas e pelos vazios seguintes. Desse modo, primeiramente, há que decifrar 4, 5, 6 e 8, pois elas dão informações para o vazio 3 – “Psicolinguística” (automonitoramento) – “compreensão” (4), “conhecimento” (5) e “prévio” (6). O vazio 7 é então facilmente compreendido – “material” (autoavaliação e autocorreção).

Conforme demonstrado, L. resolve o problema das falhas da gravação, chegando à sua compreensão e, assim, obtendo as condições para responder à solicitação de S. – confirmar ou não sua participação no encontro de estudos. Para isso, faz diversas predições apoiadas nas pistas gravadas, nos seus conhecimentos prévios sobre o funcionamento da língua e sobre a situação.

### Situação 3

Z., ao folhear um caderno antigo com quadrinhas, depara-se com uma em que duas palavras e o final de uma estão apagados. Observa bem o pequeno texto, procurando entender o que está faltando.

#### Quadrinha

Fernando Pessoa  
Quadras ao gosto popular.  
Lisboa: Ática, 1979.

A luva que retiraste  
Deixou livre a tua .  
Foi com ela que toc ,  
Sem , meu coração.

Para que Z. chegue à compreensão da quadrinha, precisa passar pela decodificação das palavras apagadas (*tua* .....; *Sem* .....) e da parte de uma palavra também apagada (*toc*...).

Para isso, Z. vai lendo o texto e, ao chegar ao final do segundo verso, percebe que está incompleto, que falta uma palavra (automonitoramento). Pelo significado depreendido até aqui, infere a vinculação semântica entre essa palavra e *luva* (autoavaliação). Observa também a palavra final *coração* (automonitoramento). Sabendo da importância da rima em quadrinhas, infere que essa palavra deve combinar foneticamente com *coração* (autoavaliação). Realiza, então, a primeira predição: “mão”.

Segue a leitura, dirigindo sua atenção para o terceiro verso, e constata a existência de uma palavra incompleta ao seu final – *toc*... (automonitoramento). Infere que essa palavra está ligada semanticamente a *luva* e a “mão”. Ao passar para

o quarto verso, encontra um novo vazio e infere que essa palavra pode estar vinculada à incompleta (autoavaliação). Reunindo essas informações e observando a estrutura mórfica, Z. prediz: “tocou” e “tocar”.

O leitor reconstitui, então, a quadrinha, que se apresenta na íntegra como segue, e assim chega à compreensão.

#### Quadrinha

Fernando Pessoa  
Quadras ao gosto popular.  
Lisboa: Ática, 1979.

A luva que retiraste  
Deixou livre a tua mão.  
Foi com ela que tocaste,  
Sem tocar, meu coração.

### Situação 4

G. conhece versões atuais da fábula “A cigarra e a formiga”. Também tem bons conhecimentos da língua francesa. No entanto, nunca leu a versão apresentada a seguir nessa língua. O objetivo de sua leitura é verificar se há correspondência entre as versões atuais e a de La Fontaine, de domínio público. Realiza, então, uma leitura detalhada, minuciosa, seguindo a ordem do texto, de modo a reduzir os riscos e, assim, garantir a compreensão. Para demonstrar isso, o texto é apresentado gradativamente na tentativa de simular um caminho possível realizado por G.

a) Primeiramente, G. dirige sua atenção para as informações pragmáticas do texto – título, autor, fonte (automonitoramento).



## “La Cigale et la Fourmi

Les Fables de Jean de La Fontaine  
– augmentées des oeuvres d’autres  
fabulistes, Livre premier, p. 27-28.  
[http://www.dominiopublico.gov.br/  
download/texto/ph000308.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000308.pdf)”

Com base em seus conhecimentos prévios, faz inferências sobre o texto (autoavaliação) e prediz que seu conteúdo e sua forma devem ser predominantemente semelhantes em relação às versões que já leu.

b) Continua, então, a leitura, focalizando os seis primeiros versos, especialmente o conteúdo e a organização textual (automon

La Cigale, ayant chanté  
Tout l’été,  
Se trouva fort dépourvue  
Quand la bise fut venue :  
Pas un seul petit morceau  
De mouche ou de vermisseau.

Percebe que o conteúdo é semelhante ao conteúdo das outras versões, mas que a forma é diferente, uma vez que o texto apresenta sequências narrativas, mas em forma de versos, com ritmo e rima (autoavaliação). Isso faz com que G. conclua que suas predições estão se confirmando quanto ao conteúdo, mas não quanto à forma (autocorreção). Prevê, então, que, na sequência dos fatos, a Cigarra irá à casa da Formiga lhe pedir comida e abrigo. Prevê também que as características estruturais serão mantidas.

c) G. dá sequência à leitura, dirigindo sua atenção para os cinco versos seguintes (7 a 11), observando o ato da Cigarra

e a organização linguística (automonitoramento):

Elle alla crier famine  
Chez la Fourmi sa voisine,  
La priant de lui prêter  
Quelque grain pour subsister  
*Jusqu’à la saison nouvelle.*

A leitura realizada permite a G. confirmar a manutenção da organização linguística dos segmentos anteriores, no que se refere à estrutura linguística e ao fato de a Cigarra ir à casa da Formiga (autoavaliação). No entanto, não se confirma como “pedir comida”, mas *prêter quelque grain pour subsister jusqu’à la saison nouvelle* (autocorreção). O vocábulo *prêter* permite inferir “devolver”, “pagar”, possibilitando a G. predizer que a estrutura será mantida e que a Cigarra fará alguma proposta de pagamento.

d) O leitor dirige então suas atenções para os versos 12 a 14, em relação à linguagem e aos fatos, retomando seus conhecimentos prévios (automonitoramento).

Je vous paierai, lui dit-elle,  
Avant l’Oût, foi d’animal,  
Intérêt et principal.

G., durante a realização da leitura, percebe que a estrutura linguística, integrando narração e poesia, permanece e que, como previu, a Cigarra propõe um pagamento de *intérêt et principal, avant l’Oût, com foi d’animal* (autoavaliação). O leitor percebe, então, nesse aspecto, uma diferença importante em relação às outras leituras já realizadas. Esses dados permitem inferir uma resposta

da Formiga. Considerando seus conhecimentos prévios, G. prevê que a Formiga dará uma resposta que não atenderá aos desejos da Cigarra.

e) Na sequência da leitura, os versos 15 a 18 passam a ser focalizados por G (automonitoramento).

La Fourmi n'est pas prêteuse :  
C'est là son moindre défaut.  
Que faisiez-vous au temps chaud ?  
Dit-elle à cette emprunteuse.

Ao examinar os versos 15 e 16, G. constata que a Formiga realmente não é *prêteuse*, sendo que o autor afirma que *c'est là son moindre défaut*, o que pode ser interpretado como uma ironia. G. analisa o verso 16 e infere que a Formiga, com a pergunta *Que faisiez-vous au temps chaud?* (17), já presume a resposta da Cigarra e prepara sua resposta final. O uso do vocábulo *emprunteuse* (18) reforça essa possibilidade (autoavaliação). Com esses dados, G. prevê que a resposta da Cigarra não a ajudará, pois sairá do universo de entendimentos da Formiga.

f) Dando seguimento, G. lê com atenção os versos 19 e 20 (automonitoramento).

– Nuit et jour à tout venant  
Je chantais, ne vous déplaie.

G. vê na resposta da Cigarra que, em seu entendimento, ela também esteve sempre ocupada cantando e que não havia ofensa nisso – *je ne vous déplaie*. Infere, com base nesses versos, que a Cigarra crê na possibilidade de convencer

a Formiga (autoavaliação). No entanto, considerando o universo cultural da Formiga, presente em seus conhecimentos prévios, G. prevê que isso não ocorrerá.

g) O leitor dirige sua atenção para os dois versos finais (automonitoramento) e constata que sua predição se confirma (autoavaliação), dadas as concepções da Formiga, estando entre elas a de que o trabalho é algo difícil e duro e a de que que cantar é fácil assim como dançar – daí sua última frase: *Et bien! Dansez maintenant.*

– Vous chantiez ? j'en suis fort aise.  
Eh bien! dansez maintenant.

Desenvolvendo com atenção e consciência esse percurso preditivo baseado em conhecimentos prévios e nas marcas linguísticas da fábula, G. constrói gradativamente a compreensão da mesma, que é apresentada na íntegra a seguir:

### La Cigale et la Fourmi

Les Fables de Jean de La Fontaine – augmentées des oeuvres d'autres fabulistes, Livre premier, p. 27-28.  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000308.pdf>

La Cigale, ayant chanté  
Tout l'été,

Se trouva fort dépourvue  
Quand la bise fut venue :  
Pas un seul petit morceau  
De mouche ou de vermisseau.  
Elle alla crier famine  
Chez la Fourmi sa voisine,  
La priant de lui prêter  
Quelque grain pour subsister  
Jusqu'à la saison nouvelle.  
"Je vous paierai, lui dit-elle,

Avant l'Oût, foi d'animal,  
 Intérêt et principal.”  
 La Fourmi n'est pas prêteuse:  
 C'est là son moindre défaut.  
 Que faisiez-vous au temps chaud ?  
 Dit-elle à cette emprunteuse.  
 – Nuit et jour à tout venant  
 Je chantais, ne vous déplaie.  
 – Vous chantiez ? j'en suis fort aise.  
 Eh bien! dansez maintenant

## Situação 5

Várias meninas, formando um pequeno grupo, brincam com a cantiga *Sur le pont d'Avignon*. Trata-se de uma brincadeira de roda que consiste em cantar e ouvir ao mesmo tempo a cantiga e, em determinados momentos, realizar gestos que representem o trabalho próprio de algumas profissões. Desse modo, o plano fônico está presente no entoar e ouvir; o plano semântico, no entendimento e no uso do léxico, e o plano pragmático, na representação gestual de profissões presentes no mundo cultural das crianças.

Sur le pont d'Avignon

(Refrain)

Sur le pont d'Avignon,  
 On y dance, on y dance  
 Sur le pont d'Avignon  
 On y dance tout en rond.

Les cordonniers font comme ça...  
 Et puis encore comme ça...

Les professeurs font comme ça...  
 Et puis encore comme ça...

Começam cantando e ouvindo o *refrain*, como processos simultâneos. Assim, preparam a estrofe que lhe dá continuidade (automonitoramento), o que exige compreensão especialmente do

léxico (plano semântico). Ao chegarem ao último verso (*On y dance tout em rond*), iniciam a estrofe seguinte. Cantam, então, *Les cordonniers font comme ça...*, prevendo, com base em seus conhecimentos prévios, os gestos para expressar os atos que realizam como *cordonniers* (plano pragmático). Ao término desse verso as crianças fazem os gestos previstos (autoavaliação). Passam, então, para o seguinte, cantando – *Et puis encore comme ça...* – e prevendo novamente os gestos próprios dos *cordonniers* (automonitoramento). Ao chegarem ao final do verso, realizam os gestos previstos (plano pragmático). A seguir, cantam novamente o *refrain* e passam para o verso *Les professeurs font comme ça*, cantando-o e ouvindo-o com atenção (automonitoramento) e prevendo, com base em seus conhecimentos prévios, os gestos que podem ser realizados pelos *professeurs*. E segue a brincadeira, sendo que o processo desenvolvido gradativamente conta com atenção dirigida e consciência das crianças sobre os elementos constitutivos da situação e, assim, contribui para a compreensão da cantiga.

As cinco situações apresentadas neste tópico constituem-se em demonstrações exemplificativas do uso da estratégia de predição no processo cognitivo de compreensão, tendo como suporte textos orais e textos escritos de diferentes gêneros. A seguir, são apresentados alguns comentários, fechando o artigo.

## Comentários finais

Dentre as diversas estratégias de compreensão, a predição, tema deste artigo, ocupa lugar especial, como indica sua elevada recorrência. As razões disso são diversas. Uma delas está no seu vínculo com tantos atos humanos que trazem em si a antecipação. Outra está em sua natureza abrangente, abrigando outras estratégias mais específicas, como o automonitoramento, a autoavaliação e a autocorreção. Outra ainda está na sua relação com estratégias complexas, como a de inferência, que lhe dá suporte. Uma última, e talvez a mais significativa, está na sua condição de relevância para os processos cognitivos de compreensão.

Dada a importância da predição para a compreensão de diferentes formas textuais, situando-se aí os gêneros/tipos orais e escritos, em suas características próprias, estudos psicolinguísticos vêm examinando-a e definindo-a como um jogo psicolinguístico de adivinhação, em que o sujeito da compreensão faz suas apostas, formulando e testando hipóteses.

Esse processo de antecipação tem seus caminhos cognitivos marcados por um conjunto de variáveis que interagem compondo a situação de compreensão. Os cinco exemplos apresentados demonstram, em suas peculiaridades, os diferentes percursos preditivos de cada sujeito em busca da compreensão, associando especialmente seus conhecimentos prévios imersos num nicho cultural

e elementos linguísticos dos textos em seus planos constitutivos.

Desse modo configurada em suas relações com a compreensão e a situação de compreensão, a predição evidencia-se como tópico de trabalho importante para a aprendizagem dos diferentes conteúdos curriculares nos diversos graus de ensino. Esse trabalho se expressa no desenvolvimento da consciência de leitores/ouvintes para reconhecer e usar essas relações e, assim, compreender materiais lidos/ouvidos de naturezas diversas.

Para que assim aconteça, cabe ao professor orientar o aprendiz para que direcione sua atenção aos elementos que compõem a situação – seu objetivo diante do texto, os conhecimentos sobre o assunto disponíveis em sua memória e a linguagem do texto. Em relação a este último aspecto, é importante que o estudante fique atento às evidências fônicas, mórficas (estrutura das palavras), sintáticas (constituição das frases), semânticas (significados ditos e implícitos), pragmáticas (componentes da situação) e textuais (estrutura, moldura, distribuição, elementos de coesão e coerência). Essa atenção consiste em importante condição para o desenvolvimento da consciência sobre os elementos que constituem a situação, sobre os procedimentos preditivos e sua relação com o processo de compreensão.

Fechando esses comentários, cabe registrar que o prosseguimento de estudos sobre a predição contribui para a explicitação dos processos cognitivos

de compreensão, a descrição dos procedimentos preditivos e a descoberta de caminhos produtivos para o aprendizado desses processos e desses procedimentos.

*Prediction, comprehension and situation of comprehension*

Abstract

The article is supported in studies on prediction, a comprehension strategy characterised by anticipating the information text based on linguistic evidences left by the author and previous knowledge of the reader/listener (in which are present the signs of culture). It is also marked by cognitive paths already learned by him, his specific comprehension goal and by genre/type of text comprehension goal. This means that the prediction is linked to the situation of comprehension. With this perspective, the article brings theoretical clarifications on this strategy, demonstrates it in different situations of comprehension, by exemplifying possible, and, in final comments, develops reflections on exhibition held, including the relevance of the theme for learning.

*Key words:* Prediction. Strategy. Comprehension. Situation of comprehension.

## Referências

ADAM, Jean-Michel. *A linguística: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.

DEHAENE, Stanislas. *Les neurones de la lecture*. Paris: Odile Jacob, 2007.

GOODMAN, Kenneth S. Unidade na leitura – um modelo psicolinguístico transacional. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: Edipucrs, n. 86, p. 9-43, dez. 1991.

PEREIRA, Vera Wannmacher. Estratégias de leitura virtuais e não virtuais no ensino fundamental. *Anais do VI Congresso Internacional da Abralín*. João Pessoa: Ideia, 4 a 7 mar. 2009<sup>a</sup>. p. 4590-4594. CD.

PEREIRA, Vera Wannmacher. Predição leitora: procedimentos e desempenhos em ambiente virtual e ambiente não virtual. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: Edipucrs, v. 44, n. 3, p. 22-27, jul./set. 2009b.

PEREIRA, Vera Wannmacher. Estratégia de predição leitora nas séries iniciais: resultados de pesquisas e aplicação no ensino. *Acta Scientiarum*. Language and Culture. Maringá: Eduem, v. 31, n. 2, p. 133-138, jul./dez. 2009c.

PEREIRA, Vera Wannmacher. Predição leitora e inferência. In: COSTA, Jorge Campos da (Org.). *Inferências lingüísticas nas interfaces*. Porto Alegre: Edipucrs, 2009d. CD.

PEREIRA, Vera Wannmacher; PICCINI, Mauricio. Preditibilidade: um estudo fundado pela psicolinguística e pela informática. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: Edipucrs, v. 41, n. 2, p. 305-324, jun. 2006.

SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. Rio de Janeiro: Martins, 2007.